

## FIGURINOS NA CURA DO PRECONCEITO – CIÊNCIA, FÉ, SOLIDARIEDADE E ANCESTRALIDADE

COSTUMES IN THE CURE OF PREJUDICE – SCIENCE, FAITH, SOLIDARITY AND ANCESTRALITY

Moura, Carolina Bassi de; Doutora; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, carolina.moura@unirio.br<sup>1</sup>

### RESUMO

Os últimos espetáculos da Cia. Deborah Colker, *Cão sem plumas* (2017), *Cura* (2021) e *Sagração da Primavera* (2024) completam uma trilogia “primitiva, ancestral e reflexiva”. O presente trabalho escolhe um deles e destaca a contribuição dos figurinos de Cláudia Kopker para a dissolução de preconceitos ao dar materialidade a temas importantes e, por vezes, delicados. Em *Cura*, a figurinista lidou com a representação daquilo que muitas vezes não se quer revelar, nem falar sobre. Nos leva a refletir sobre o que é a doença, dissolvendo o preconceito em relação a um corpo diferente, à condição do outro, mas também às crenças de um outro culturalmente diverso. Colker visitou alguns países da África, como Moçambique, e, quando pensou que pudesse encontrar tristeza em meio às adversidades locais, encontrou, com mais vigor, a alegria e a fé na vida. Ao abordar a doença como tema, passa pelo universo da fé e, de forma muito poética, pelo universo da rejeição, e por uma outra espécie de doença humana, que é o preconceito. A visualidade da cenografia, como um todo, defende que só é possível curar o preconceito com uma mistura de “ciência, fé, solidariedade e ancestralidade”. Os figurinos têm uma base vermelha colante, deixando partes da pele à mostra por áreas vazadas e irregulares. Os bailarinos performam cobrindo e descobrindo regiões de seus corpos com longas tiras de bandagem, fazendo-nos perceber aquele vermelho como uma pele “em carne viva”. Há uma variação sutil, demonstrando individualidade, e há alguns mais estruturados com o acréscimo de peças semelhantes a modeladores em marrom médio. As bandagens, que servem para proteger, também parecem restringir os movimentos, esconder a figura humana ou deformá-la. Elas foram usadas na criação da coreografia, nos ensaios, e a figurinista, que costuma participar deles, disse que plasticamente, adicionaram mais desequilíbrio aos corpos. No cenário há projeções das palavras “dor”, “feio”, “pele”, além de poemas curtos, que sublinham a ideia performada. Há uma forte integração entre figurinos e cenário. Ao narrar a história de Obaluaê, em que Yemanjá veste o orixá com palhas, os bailarinos saem de dentro

<sup>1</sup> Carolina Bassi de Moura é pesquisadora e professora do Centro de Letras e Artes da Escola de Teatro da UNIRIO. É pós - doutora, doutora e mestre em artes cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Diretora de arte, figurinista e cenógrafa em teatro e cinema, interessa-se pela construção poética da imagem.

de estruturas feitas de longas e finas tiras de tecido suspensas, cuja tonalidade nos remete às palhas de Obaluaê. São estruturas do cenário que performam vestindo e desvestindo os bailarinos em cena, por meio da coreografia criada. Na segunda parte, judeus, muçulmanos, dervixes, dançam no palco com suas indumentárias e gestos característicos, e observamos a beleza e a força da fé humana, igualmente intensa e cheia de diversidade. Celebrando, Kopker traz uma espécie de parangolés dourados ao final, representando a alegria luminosa da vida como cura. Os espetáculos foram vistos pela autora e foram consultados, o site e outros canais da companhia, os livretos, o minidocumentário sobre *Cura*, entrevistas publicadas em jornais e revistas, além de bibliografia sobre poéticas da dança contemporânea em ALEIXO (2009) e do corpo na dança em BRANDSTETTER (2015).

